

A última sinfonia

Carmem caminhava apressadamente na Avenida Nove de Julho. Visivelmente alterada e com medo, a jovem demonstrava uma ansiedade jamais vista. Entrou no prédio onde morava, fechou a porta ofegante e ficou por alguns minutos observando a movimentação pela vidraça. Parecia procurar por algo. O porteiro, assustado, perguntou o que havia acontecido. Carmem olhou para ele, mas não pronunciou uma só palavra. Subiu as escadas correndo.

Faz-se necessário descrever a jovem Carmem: 26 anos, morena, franzina, de cabelos cacheados, quase na altura do quadril e, mais ou menos 1,60m de altura. Ela exalava bondade. Sempre prestativa e de sorriso fácil, nunca pareceu ter algum problema. Era daquelas que os solucionava.

Na manhã seguinte, o prédio amanheceu tumultuado. Haveria a gravação de um filme nas suas dependências e, logo cedo, um entra e sai imenso de pessoas já tomava conta do imóvel. Os moradores reclamavam do barulho e da quantidade de indivíduos estranhos que circulavam pelos corredores.

Paulo, o porteiro, não dava conta de atender as diversas ligações, tamanhas eram as reclamações devido a tal filmagem. Estava irritado. O culpado por esse transtorno era Lima, o dono do prédio, que autorizara ceder o espaço para a produtora. Ele pensava que isso traria visibilidade para o edifício.

No meio dessa confusão toda, Carmem se dirigiu até a portaria e indagou para Paulo sobre a movimentação no prédio e perguntou se ele havia comentado com alguém sobre o seu comportamento na noite anterior. Ele respondeu que não.

- Fique tranqüila Srta. Carmem. Sou muito discreto em relação aos moradores!

- Melhor assim, Sr. Paulo. Esqueça tudo, para o seu próprio bem!